

UM ESTUDO SOBRE A LEITURA ANALYTICA (1909), DE THEODORO DE MORAES (1877 - 1956)

Bárbara Cortella Pereira

Resumo

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil, apresentam-se os conceitos básicos da proposta de ensino da leitura defendida por Theodoro de Moraes (1877-1956), contida no livreto *A leitura analytica*, publicada pela Typ. do "Diário Oficial", em 1909. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, analisou-se a configuração textual desse livreto, que consistiu em enfatizar os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido. Essa análise permitiu constatar que o livreto analisado se apresenta como uma das primeiras tematizações sobre o método analítico para o ensino inicial da leitura, defendido por educadores e administradores escolares paulistas e tornado oficial para as escolas primárias do estado de São Paulo, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Palavras-chave: Ensino da leitura; Método analítico; Pesquisa Histórica em educação.

A STUDY ABOUT A *LEITURA ANALYTICA* (1909), BY THEODORO DE MORAES (1877 - 1956)

Abstract

Aiming to contribute to the understanding of an important moment in the history of literacy in Brasil, they are presented the basic concepts of the proposed for teaching of reading defended by Theodoro de Moraes (1877-1956), contained in the booklet *A leitura analytica*, published by Typ. do "Diario Oficial", in 1909. By historical approach focused on documental and bibliographic research, they are analysed the principals aspects of its textual configuration. It was concluded that the booklet may be considered one of the most important tematizations of the analytical method for the initial teaching of reading, advocated by educators and school administrators São Paulo and made official for primary schools in the state of São Paulo, between the end of the XIX century and the beginning of the XX century.

Keywords: Teaching of reading; Analytical method; Historical research in education.

UN ESTUDIO SOBRE LA *LECTURA ANALYTICA* (1909),
DE THEODORO DE MORAES (1877 - 1956)

Resumen

Con el objetivo de contribuir para la comprensión de un importante momento de la historia de la alfabetización en Brasil, se presentan los conceptos básicos de la propuesta de enseñanza de lectura defendida por Theodoro de Moraes (1877-1956), contenida en el libretto "*A leitura analytica*", publicada por Typ. del "Diário Oficial", em 1909. Mediante un abordaje histórico, centrado en pesquisa documental y bibliográfica se analizó la configuración textual de ese libretto, que consistió en enfocar los diferentes aspectos constitutivos de su sentido. Ese análisis permitió constatar que el libretto analizado se presenta como una de las primeras tematizaciones sobre el método analítico para la enseñanza inicial de la lectura, defendido por educadores y administradores escolares paulistas y tornado oficial para las escuelas primarias del estado de São Paulo, entre el final del siglo XIX y el inicio del siglo XX.

Palabras Clave: Enseñanza de lectura; Método analítico; Pesquisa Histórica em educação.

UNE ÉTUDE SUR *A LEITURA ANALYTICA* (1909), PAR
THEODORO DE MORAES (1877 - 1956)

Résumé

Dans le but de contribuer à la compréhension d'un moment important de l'histoire de l'alphabétisation au Brésil, on présente les concepts fondamentaux de la proposition d'enseignement de la lecture défendue par Theodoro de Moraes (1877-1956), qui figure dans la brochure *A leitura Analytica*, publiée par Typ. do "Diario Oficial", en 1909. A' um point vue historique, en mettant l'accent sur la recherche documentaire et de la littérature, on a passé en revue la configuration textuelle brochure, cette méthode consiste à focaliser les différents aspects constitutifs de son sens. Cette analyse permet de constater que la brochure est présentée comme une analyse des premières thématisations sur la méthode analytique pour le enseignement initial de la lecture, prônée par les éducateurs et les administrateurs des écoles de São Paulo et rendues officielles pour les écoles primaires dans l'État de São Paulo, entre la fin du XIXe siècle et du début du XXe siècle.

Mots-clés: Enseignement de la lecture; Méthode analytique; La recherche historique en matière d'éducation.

Introdução

O ensino da leitura às crianças pelo método analítico¹ foi assunto intensamente debatido, especialmente entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX, no Brasil. No livreto *A leitura analítica*² (1909), de Theodoro de Moraes, tem-se uma importante síntese das idéias e práticas defendidas por seu autor, relativamente a esse método analítico para o ensino da leitura. Esse livreto, assim como os livros de leitura e cartilhas de Theodoro de Moraes, foram produzidos em um momento histórico e social de mudanças significativas relacionadas com os ideais republicanos, especialmente na educação e no ensino inicial da leitura e escrita. Essas mudanças caracterizam o "2º momento" da história da alfabetização no Brasil, proposto por Mortatti (2000).

Considerando, portanto, que esse livreto já centenário é representativo dos debates que se travaram em torno do método analítico para o ensino inicial da leitura nesse momento histórico, apresento, neste artigo³, os principais aspectos constitutivos do

¹ O método de marcha sintética para o ensino da leitura consiste em conduzir esse ensino da "parte" para o "todo". De acordo com os processos utilizados para sua condução, esse tipo de método pode ser classificado em: método alfabético, método fônico e método silábico. Seguindo caminho inverso, o método analítico consiste em iniciar esse ensino "[...] com unidades completas de linguagem, para posterior divisão em partes ou elementos menores [...]" (MORTATTI, 2004, p. 123). De acordo com os processos utilizados para sua condução, tem-se a seguinte classificação: método da palavração, método da sentencição, método da "historieta" e métodos "de contos".

² Nesta e nas demais citações de trechos e títulos de documentos, mantereí a ortografia original.

³ Este artigo é decorrente de pesquisas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UNESP) e de Mestrado (bolsa FAPESP), vinculadas ao Grupo de Pesquisa e ao Projeto Integrado de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil", coordenados por Maria do Rosário L. Mortatti.

sentido do livreto, decorrentes da análise de sua configuração textual, a saber, do:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (2000a, p. 31)

Ao intitular esse livreto de *A leitura analytica*, Theodoro de Moraes também "dialoga" com a conferência proferida pelo professor fluminense João Köpke, em 1896, com o mesmo título⁴. Talvez essa coincidência de títulos se deva à necessidade sentida por Moraes de retomar e reafirmar as principais idéias defendidas pelo "mestre" ou até mesmo para ampliá-las e sistematizá-las, para posteriormente se tornarem instruções aos professores para a aplicação prática desse método de ensino da leitura⁵. Compreender esses, dentre outros aspectos intrigantes e fecundos, mediante a análise da configuração textual, é meu objetivo nesse artigo.

⁴ Estudos sobre essa conferência se encontram em Ribeiro (2001; 2005) e em Panizzolo (2006).

⁵ Refiro-me, aqui, à participação de Moraes na elaboração de documentos oficiais, contendo instruções práticas aos professores, como o documento "Como ensinar leitura e linguagem nos diversos anos do curso preliminar" (1911), expedido pela Diretoria Geral da Instrução Pública e as instruções contidas ao final das suas cartilhas e livros de leitura para crianças.

1 Aspectos da vida e atuação profissional de Theodoro de Moraes⁶

Filho primogênito, dentre os 14 filhos do Dr. Antonio Augusto Rodrigues de Moraes — formado em Direito e chefe de Polícia e Juiz de Direito no Mato Grosso —, e de Maria Eugenia de Vasconcelos de Moraes, Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes nasceu no dia 18 de agosto de 1877, na cidade de São Paulo, capital da província de mesmo nome.

Iniciou sua carreira de professor público em Amparo-SP, no ano de 1898, como adjunto no Grupo Escolar "Luís Leite", onde lecionou até 1902. Nessa mesma cidade se casou com Joanna Correa Rodrigues de Moraes e constituiu família, tendo tido oito filhos.

Em 1903, regressou com sua família à capital do estado, para iniciar o curso secundário, na Escola Normal "Caetano de Campos". Diplomou-se, em 1906, juntamente com outros 50 normalistas, tendo-se destacado como um dos mais dedicados de sua turma, conforme os registros das notas de exames e médias de aplicação das matérias do curso secundário da Escola Normal da Capital.

Em 1907, foi nomeado diretor do Grupo Escolar "Coronel Joaquim de Sales", em Rio Claro-SP, pelo então diretor Geral da Instrução Pública, Dr. Oscar Thompson. Permaneceu nesse cargo por menos de um ano, mas sua atuação foi elogiada pelo inspetor escolar, Dr. Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, em uma visita a esse grupo escolar.

⁶ As informações contidas neste tópico sobre os aspectos da vida e atuação profissional de Theodoro de Moraes foram extraídas de: documentos do acervo do "Setor de Documentação Histórica Escolar" - CRE Mário Covas; Mesquita (1922); Moraes (1917); Barboza (2006); e do *site* da E.E "Theodoro de Moraes", a qual foi fundada na cidade de São Paulo, em 25/08/1933, com a denominação "Primeira Escola Reunida", junto ao Asilo Anália Franco; em 25/01/1975, passou a ser denominada E.E. de Primeiro Grau "Professor Theodoro de Moraes".

Em 1908, regressou à cidade de São Paulo, tendo sido nomeado professor na Escola Modelo Isolada do Largo do Arouche, onde permaneceu trabalhando por três anos. Em junho desse mesmo ano, Theodoro de Moraes foi nomeado também redator efetivo da *Revista de Ensino*, órgão da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista⁷, função na qual permaneceu até dezembro de 1909.

Iniciou sua produção de livros didáticos, em 1909, com a publicação da cartilha *Meu livro*: primeiras leituras de acordo com o método analítico⁸ e, durante as primeiras décadas do século XX, continuou escrevendo cartilhas e livros de leitura baseados no método analítico.

Theodoro de Moraes se afastou da Escola Modelo Isolada do Largo do Arouche em 1910, para assumir o cargo de Inspetor Escolar, novamente a convite de Oscar Thompson.

Em 1912, foi nomeado professor da 9ª cadeira da Escola Normal de São Carlos, em São Carlos-SP. Regressou à capital do estado, em 1915, tendo sido nomeado professor de uma escola noturna dessa cidade; meses depois, essa escola passou a ser denominada Grupo Escolar "Maria José". Em 1928, Theodoro de Moraes foi Inspetor da Escola Normal Livre anexa ao Colégio N. S. do Amparo, em Amparo-SP.

⁷ Segundo Catani (2003), a Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo foi fundada em 27 de janeiro de 1901 e, como iniciativa desse grupo de professores foi criada, em 1902, a *Revista de Ensino*, que foi editada até 1918. Essa revista se destacou como uma instância privilegiada de discussões e debates sobre a instrução pública. Tanto na Diretoria da Associação quanto na Comissão da Redação da *Revista de Ensino*, teve-se a participação de um grupo representativo de professores normalistas sempre próximo dos órgãos oficiais da instrução pública paulista, ressaltando-se o fato de que Theodoro de Moraes foi redator efetivo dessa revista, entre junho de 1908 e dezembro de 1909.

⁸ Essa cartilha foi objeto de análise no Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, intitulado *Um estudo sobre Meu livro (1909)*, de Theodoro de Moraes, que concluí em 2006, como decorrência de atividades de Iniciação Científica (bolsa: PIBIC/CNPq/UNESP).

Esse professor foi, ainda, chefe do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Aposentou-se com 33 anos de serviços dedicados à educação e faleceu em 16 de abril de 1956, aos 79 anos.

2 A leitura *analytica*

O exemplar analisado, de 1909, tem o formato de livreto, com 16 x 23 cm e 34 páginas numeradas na parte superior central da folha.

A capa é flexível e apresenta um fundo vermelho. Em sua parte superior, há o título do texto com a inicial maiúscula. Abaixo do título, são apresentados o nome do autor, grafado da seguinte forma "Theodoro de Moraes"⁹, e o cargo ocupado por ele no momento de publicação desse livreto: "Professor da Escola-Modelo Isolada Anexa a Escola Normal de S. Paulo".

Na parte central da capa, há uma estampa¹⁰. Na parte inferior é apresentado o nome da cidade e do local de impressão "Typ. Do 'Diário Oficial'" e, por fim, a data de publicação.

O texto está subdividido em três tópicos separados por algarismos romanos, seguidos da conclusão.

Ao longo do texto, o autor faz citações de palavras e frases em inglês e francês, sem traduzi-las na maioria das vezes, apenas indicando, em notas de rodapé (19 no total), o livro de onde foram extraídas.

No Quadro 1, apresento os nomes dos autores e os títulos dos livros citados em epígrafes e notas de rodapé, de acordo com a ordem de ocorrência no livreto, acompanhadas da quantidade de ocorrências.

⁹ Nas diferentes publicações do autor, a grafia de seu nome pode aparecer como "Theodoro de Moraes" ou ainda "Teodoro de Morais".

¹⁰ O termo "estampa" era utilizado na época de publicação e circulação da cartilha em sentido aproximado ao que atualmente se denomina "ilustração" e correlatos.

Quadro 1 – Autores e títulos dos livros citados em *A leitura analytica* (1909), de Theodoro de Moraes

Autor	Livro	Quantidade
Arnaldo de Oliveira Barreto	Cartilha analytica	1
Pascal	<i>Penseés</i>	2
Francis Parker	Talks on teaching	4
João De Deus	<i>Cartilha Maternal</i> ¹¹	2
Miss Sarah Arnold	<i>Learning to read</i>	3
Buffon	<i>Discours sur le style</i>	1
John P. Prince	<i>Courses and Methods</i>	1
Sarah Brooks	<i>Primary Reading</i>	1
Amy Algeo	<i>Primary Reading</i>	2
Rocha Pombo	<i>O grande Problema</i>	1
Montaigne	<i>Essais – L.I</i>	1
Boileau	<i>L'art poetique – Chant I</i>	2
Silva Jardim	<i>Reforma do ensino da língua materna</i>	1
E. Renan	<i>Souvenirs d'enfance et de jeunesse</i>	1
Camões	<i>Lusíadas – IV e XCIV</i>	1
João Köpke	A leitura analítica	1
TOTAL		25

Moraes cita quatro autores brasileiros, cinco norte-americanos, cinco franceses e dois portugueses. No entanto, como se pode observar no Quadro 1, a recorrência aos autores norte-americanos é predominante.

No capítulo "I" (p. 4 - 8), são apresentadas duas epígrafes. A primeira é extraída da *Cartilha analytica* (1909), de Arnaldo Barreto¹¹, em que esse educador paulista considera que aquele que para ensinar não recorrer aos processos "[...] mais de

¹¹ Estudo minucioso dessa cartilha se encontra em Bernardes (2003; 2008).

acordo com as leis do espírito [...]", não merece ser chamado de professor; e a segunda, escrita em francês¹², é extraída do livro *Pensées* (1670), do filósofo francês, Blaise Pascal.

Nesse capítulo, Moraes (1909) discorre sobre a dificuldade da implantação do método analítico para o ensino da leitura no espaço escolar, que se vinha prolongando "de longa data", apesar das campanhas incansáveis feitas por aqueles que "ocuparam [], logares de honra na primeira linha do professorado." (p. 3). Ressalta, porém, que aquele que tem o mínimo conhecimento sobre esse assunto e o "bom desejo" de ensinar a ler com o "espírito lógico" e com a colaboração do aluno conhece as vantagens do método analítico.

De acordo com Francis Parker¹³, ler é pensar por meio de palavras escritas e impressas dispostas em sentenças. Segundo Moraes (1909), "esta verdade feriu de morte a soletração e a syllabação como pontos de partida para o apprendizado da leitura" (p.4), visto que esses dois processos, característicos dos métodos de marcha sintética, "mutilam a alma do ensino", que é o entendimento do que se aprende, e reduzem o aluno à posição de "repetidor gaguejante [...] de miudezas abstratas", provocando-lhe um imenso desgosto pela leitura.

Pautando-se na explicação de Miss Sarah Arnold¹⁴, de que a criança necessita de um ensino que considere o seu passado, para que haja interesse, Theodoro de Moraes conclui que, havendo compreensão, virá o interesse e a simpatia, o sentimento, enfim:

¹² Há luz suficiente para aqueles que desejam ver, e falta de claridade o bastante para aqueles que tem uma disposição contrária (Tradução livre da autora).

¹³ Segundo Torres; Alcântara; Irala (2004), no final do século XIX, Francis Parker, "[...] promoveu a aprendizagem cooperativa, democracia e a devoção à liberdade nas escolas públicas". (p. 11)

¹⁴ Segundo Mortatti (2000), a *Cartilha de Arnold* foi criticada por Oscar Thompson devido aos problemas de tradução; por esse motivo, Thompson solicita a adoção da cartilha *Meu Livro*, de Theodoro de Moraes. (p.127).

"[...] haverá pensamentos entendidos, isto é, haverá a leitura" (1909, p. 5).

Essa explicação questiona diretamente o ensino da leitura pelo método sintético, que, para o entendimento da criança, assemelha-se a uma "[...] muralha chinesa das letras e sílabas" e, pelo "[...] monótono psitacismo de sílabas inexpressivas e sentenças anti-melódicas, percucientes, ingratas ao ouvido e ao entendimento [...]" (MORAES, 1909, p. 6), apaga nelas o interesse e o prazer da leitura.

Como exemplo de lentidão com que algumas idéias se desenvolvem, Moraes recorda que, em 1884, portanto 25 anos antes da data de publicação desse livreto, o professor Antonio da Silva Jardim¹⁵ defendia que a palavrção era o único processo racional do ensino da leitura. A despeito dessa lentidão, ele conclui que o número de adeptos ao método analítico se ia fortalecendo tanto no estado de São Paulo, quanto no estado de Minas Gerais, no qual, depois de uma reforma radical, lançou-se "[...] a sementeira das boas idéias." (MORAES, 1909, p. 7).

De acordo com o decreto n. 2416, de fevereiro de 1909, as escolas públicas do estado de São Paulo deveriam iniciar o ensino da leitura pela palavra. No entanto, Moraes alerta para as diferentes realidades entre a adoção oficial e a prática efetiva do método analítico e adverte para os perigos de sua implantação, se os professores não estiverem adequadamente orientados.

Moraes (1909) elogia a forma de adoção, cautelosa, desse método nas escolas paulistas, a fim de evitar o fracasso de sua processologia, que considera "[...] fácil e ao alcance da boa vontade de quem a empregar" (p. 7) e a coragem dos professores que apoiavam a iniciativa do Dr. Oscar Thompson, "[...] fiel e

¹⁵ Antonio da Silva Jardim (1860-1891), professor positivista, tornou-se também, de acordo com Mortatti (2000a), divulgador do "'método João de Deus', contido na *Cartilha maternal*, o qual apresenta como revolucionário e fase definitiva — porque científica — para o ensino da leitura no estado atual da civilização." (p. 48).

experimentado propugnador do método analítico [...]" (p. 7), de implantar definitivamente esse método de ensino da leitura, nas escolas paulistas.

Conclui esse primeiro capítulo, ressaltando que a *Cartilha Maternal* foi, para ele, na evolução do ensino, "[...] a aurora, os acordes de uma harmonia ainda distante [...]" e tão mais será o método analítico, "[...] um hino soberbo – o da redenção intelectual da criança no aprendizado da leitura!" (p. 8).

No capítulo "II" (p. 8-26), é apresentada uma epígrafe extraída da página 48 do livro *Courses and Methods*, de John P. Prince, já vertida para o português, e traz a diferenciação entre ler e ler em voz alta.

Nesse capítulo, Moraes busca fundamentação em textos das autoras norte-americanas Sarah Brooks e Amy Algeo¹⁶, para afirmar que a criança se expressa com maior facilidade em sentenças. Por isso a tarefa do professor, nas primeiras semanas de aulas, deve ser a sistematização da conversação, por meio de palestras que lhe despertem o interesse, por meio de objetos ou estampas, estimulando respostas completas por parte dos alunos.

Ao se questionar sobre quais palavras se deveriam empregar no início do ensino da leitura, Moraes cita um trecho do documento *Reforma do ensino da língua materna* (1884), de Silva Jardim, o qual aponta três fases percorridas na "arte da leitura": "fictícia" (soletração), "transitoria" (sillabação) e definitiva (palavração). Silva Jardim propõe o ensino da leitura pela palavração, "[...] PARTINDO DA MAIS FÁCIL PARA A MAIS DIFÍCIL, DA SIMPLES PARA A COMPOSTA" (JARDIM apud Moraes, 1909, p. 11, grifos do autor). Moraes (1909) ressalta, porém, que, embora tenha preocupação semelhante, seu critério de escolha de por onde iniciar o ensino da leitura difere do de Silva Jardim; esse ensino deve ser iniciado não

¹⁶ Até o momento, não foi possível localizar informações sobre vida e atuação profissional dessas autoras.

por palavras, mas por pensamentos, já que são eles que expressam coisas, fatos, cenas e ações que despertem o interesse da criança.

Segundo Moraes, tanto a psicologia quanto a fisiologia consideravam mais adequado o ensino inicial da leitura por meio de sentenças como "Paulo tem um tambor" em oposição a sentenças como "o vovô viu o viúvo" (p. 12). Para fundamentar essa proposição, Moraes cita um artigo do professor francês Ludwig Laqueur, transcrito no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que explica que a percepção das palavras está ligada à forma das letras que as compõem; se na palavra não houver nenhuma letra com saliência para cima ou para baixo, a leitura se torna mais difícil para a criança.

Em seguida, Moraes (1909) explica detalhadamente e com transcrições de exemplos, a processuação do método analítico, "[...] segundo os conselhos de autoridades no assumpto [...]" (p. 13) para o bom êxito do ensino da leitura.

No "1º Passo", Moraes enfatiza a importância da realização de palestras com os alunos sobre o texto das 12 primeiras lições, atividade que deve ocupar no mínimo as duas primeiras semanas de aula. Essas palestras devem ser ilustradas com objetos ou estampas de tamanho suficiente para serem vistas por todos.

O professor deve manter uma linguagem simples na conversação e conduzir a criança a formar sentenças completas em suas respostas. Exemplifica como deve ser dirigida essa palestra, por meio da lição de *Cartilha de Arnold*, de Sarah Arnold. Moraes considera que nessas palestras o aluno, como "interlocutor" e "observador", adquire idéias por intuições "porque *vê para entender*" (MORAES, 1909, p. 15).

No "2º Passo", Moraes considera que, após o exercício da formação oral de sentenças, o aluno está apto a iniciar as suas primeiras lições de leitura. As primeiras lições serão dadas exclusivamente no quadro negro, "[...] campo de acção do mestre [...]", segundo João Köpke (apud MORAES, 1909, p. 16). Portanto, o livro não deverá jamais ser entregue antes de o aluno

conseguir reconhecer as sentenças escritas no quadro negro, pois causaria embaraço e confusão.

Fundamentado nas idéias de Francis Parker, Moraes reafirma as vantagens do quadro negro em relação ao livro. O professor deve escrever as sentenças no quadro negro, a fim de que os alunos, por esse "acto de associação", as dominem e as reconheçam num "[...] golpe de vista (*sight-sentence*)" (p. 17).

Moraes exemplifica com a "historia da maça", extraída de *Cartilha de Arnold*, como o professor deve utilizar o quadro negro: deve escrever a sentença, alterando a ordem das palavras, se necessário repetir as que ainda não foram compreendidas, apagá-las e escrevê-las novamente e, por fim, dispor as palavras da sentença em colunas, para o domínio efetivo por parte dos alunos da classe.

Após a leitura das lições no quadro negro, o aluno começará a reconhecer de "golpe de vista" as palavras. Moraes considera que a fragmentação da sentença em palavras é um começo de análise, o "[...] unico supportavel pelo espirito da criança nesta phase inicial da leitura" (MORAES, 1909, p. 20). No entanto, como propõe Arnold, as preposições, conjunções, interjeições e os artigos devem permanecer ligados aos nomes ou verbos a que estejam associados na sentença.

Moraes, ainda, reúne oito exercícios (da letra "a" até "f") do tipo *sight-word*, por considerá-los importantes para manter o interesse do aluno. Em seguida, propõe que o professor organize lições retrospectivas com as sentenças estudadas anteriormente na cartilha.

No "3º Passo", propõe a entrega da cartilha, que deve ser feita com "character festivo", para que a criança guarde esse memorável dia.

Após as lições, o professor deve obedecer ao mesmo roteiro proposto: toda nova lição será ensinada primeiramente no quadro negro, para posteriormente ser lida "no livro". O professor deve permitir que os alunos façam primeiramente a leitura silenciosa de cada lição para, em seguida, proceder à leitura oral.

Moraes encerra esse capítulo com a reprodução de quatro conselhos de Parker para manter vivo o gosto da criança pela leitura.

No capítulo "III" (p. 27-31), a epígrafe selecionada é extraída do livro *Talks on teaching*, de Francis Parker¹⁷. Nesse capítulo, Moraes apresenta algumas considerações sobre o momento mais adequado para o trabalho de análise no ensino da leitura e, mais uma vez, concorda com os "pedagogistas norte-americanos" de que se deve "[...] afastar do período inicial da leitura qualquer tentativa de analyse como extemporânea e dispersiva" (MORAES, 1909, p. 27). Para ele, o propósito essencial nessa fase de ensino é "[...] dar ao alumno o habito da leitura, é adestra-lo na aquisição de pensamentos [...]" (p. 27). Ao final desse capítulo, Moraes (1909) acrescenta que "[...] deve o alumno começar, desde logo, o mais cedo possível, os seus primeiros exercícios de linguagem escripta" (p. 30).

Na "Conclusão" (p. 33-34) é apresentada uma epígrafe, em francês extraída de *Pensées*, de Pascal. Moraes conclui o texto ressaltando os resultados do ensino da leitura pelo método analítico que "[...] são antes mediatos que immediatos" (1909, p. 33). E para preencher as lacunas dos conceitos por ele apresentados mediante sua "[...] simples exposição [...]", rememora as palavras de João Köpke, seu "[...] mestre insigne [...]" e também defensor do método analítico para o ensino da leitura:

[...] abandonei o processo synthetico de resultados apparentes *mais prompts e mais procurados*, portanto, contra o conselho da economia, e adopto e aconselho o analytic, *mais trabalhoso*, para o mestre, e *mais tardo na fructificação, que agrada ao interessado*. (KÖPKE apud MORAES, 1909, p. 34).

¹⁷A palavra deve ser aprendida como um todo, e qualquer tentativa de iniciar a análise da palavra retarda o ensino. A luta para analisar uma nova palavra, ou construí-la a partir de partes absorve a atenção, o que impede o ato de associação" (Tradução livre da autora).

3 Repercussão, circulação e tipo de leitores

Em 1909, *A leitura analytica* foi publicada pela Typ. Do "Diário Oficial" (do estado de São Paulo) como livreto, o que permite inferir que teve circulação oficial, visto que a Typ. do 'Diário Oficial' imprimia documentos oficiais para a Diretoria Geral da Instrução Pública Paulista.

Em março desse mesmo ano, o capítulo I de *A leitura analytica* foi publicado na *Revista de Ensino* (anno VIII, n.1, p.17-20), sob o título "Leitura analytica".

Em 1913, a "Typ. Siqueira, Nagel & Comp." republica o livreto, sem nenhuma alteração em seu conteúdo e forma, apresentando apenas atualização ortográfica.

Após 36 anos de sua 1ª edição, em 1945, a *Revista Educação*¹⁸ republica esse texto na íntegra, na seção "Metodologia" (p. 174-200), também apenas com atualização ortográfica. Dos sete artigos publicados nessa seção desse número da *Revista Educação*, seis tratam do ensino da leitura pelo método analítico. O artigo de Theodoro de Moraes é o último dessa seção; os títulos e autores dos artigos precedentes são: "Como ensinar a ler pelo método analítico", de Raimundo Pastor; "O ensino da linguagem na Escola Primária", de Vicente Peixoto; "O ensino da leitura pelo método analítico", de João Köpke; "Problemas", de Jersey de Castro; "Didática da Sociologia nas Escolas Normais", de Wellman G. F. Rangel e "Lição e unidade de aprendizagem", de José de Almeida.

Como informei, também sob a forma de livreto o texto de Moraes teve ampla circulação no estado de São Paulo, com repercussão além do seu momento histórico em que foi publicado pela primeira vez.

¹⁸ De acordo com Mello (2007), a revista de Educação no Estado de São Paulo foi editada com diferentes denominações, em diferentes períodos: Educação (1927-1930); Escola Nova (out. de 1930 a jul. de 1931) e Educação (ago/set. de 1931-dez. de 1932) e Revista de Educação (mar. de 1933 –1943).

Com base nas informações apresentadas, pode-se inferir que esse livreto se destinava a tipos de leitores específicos. O leitor previsto mais evidente é o professor primário, o que pode ser confirmado pela "marca" deixada no exemplar que analisei, um carimbo apresentado na parte superior da página 4, com as letras legíveis "Hygino Rolim – Professor preliminar – São José do Rio Pardo". Além dessa "marca", esse tipo de leitor previsto pode também ser confirmado pela publicação do texto, sob a forma de artigo, em duas revistas pedagógicas paulistas. Em decorrência, pode-se inferir que *A leitura analítica* se destinava também a normalistas, diretores, de escolas primárias e autores de cartilhas e livros de leitura pelo método analítico.

Como se pode constatar, ao escrever o livreto *A leitura analítica*, além de divulgar o método analítico e reafirmar as vantagens desse método em relação aos métodos sintéticos que até então se empregavam no ensino da leitura, Theodoro de Moraes visava a fundamentar o uso do método analítico, baseado especialmente nas idéias da pedagogia norte-americana. Também visava a sistematizar, pioneiramente, instruções aos professores para processuação do método analítico para o ensino da leitura. Em decorrência, *A leitura analítica* (1909) visava também a responder às necessidades do momento histórico de sua publicação, com ecos no momento posterior em que foi republicado na *Revista Educação*. Portanto, mais do que mera discussão sobre o melhor método a ser utilizado, a defesa do método analítico por parte de Theodoro de Moraes envolvia principalmente uma questão política, social e educacional.

4 Aspectos do momento histórico de publicação

Segundo Souza (1998), no final do século XIX, no Estado de São Paulo:

[...] os republicanos impuseram um projeto de educação popular baseado em algumas concepções pedagógicas consideradas modernas e racionais e tiveram que se haver não só com outras concepções em voga mas também com as formas peculiares de apropriação de representações e de interpretações por parte dos profissionais da educação. (p.18).

Nesse projeto de educação almejado e implementado pelos republicanos paulistas "acreditava-se" no poder redentor da educação, que:

[...] pressupunha a confiança na instrução como elemento (con) formador dos indivíduos. Potência criadora do homem moral, a educação foi atrelada à cidadania e, dessa forma, foi instituída a sua imprescindibilidade para a formação do cidadão. Articulada com a valorização da ciência e com os rudimentos de uma cultura letrada, ela se apresentava como interpretação conciliadora capaz de explicar os motivos de atraso da sociedade brasileira e apontar a solução para o mesmo. (SOUZA, 1998, p.26-27).

O "segundo momento crucial" na história da alfabetização no Brasil, proposto por Mortatti (2000), se estende de 1890 a meados de 1920. Articuladamente, ao projeto de educação republicano, esse foi um momento tanto de intenso combate ao uso do método silábico e do método da soletração para o ensino da leitura, considerados como "tradicionais", quanto de disputa entre os "mais modernos" e "modernos" defensores do método analítico, "[...] pela hegemonia de tematizações, normatizações e concretizações relativamente ao ensino da leitura, da qual resulta a fundação de uma (nova) tradição" (MORTATTI, 2000, p. 78).

Segundo essa pesquisadora, a origem dessa disputa está relacionada com a reforma da instrução pública paulista, iniciada em 1890, pelo Dr. Antonio de Caetano de Campos que:

[...] veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positivista, essas aspirações convergiam para a busca da cientificidade - e não mais o empirismo - na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura. (MORTATTI, 2000, p.78).

Para Mortatti (2000), do ponto de vista didático, a base dessa reforma eram os novos métodos de ensino, em especial o "então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura". Esse novo método se baseava na pedagogia norte-americana, que tinha por princípios didáticos uma nova concepção, de caráter biopsicofisiológico da criança.

A utilização mais sistemática do método analítico para o ensino da leitura teve início entre o final da década de 1890 e o início da década de 1900, quando começaram a ser publicadas as primeiras cartilhas escritas por brasileiros e afinadas com esse novo método para o ensino da leitura. No entanto, passou a ser indicado oficialmente durante a primeira gestão de Oscar Thompson, na Diretoria da Instrução Pública (1909-1910), tendo sido "[...] adotado em grupos escolares da capital e do interior do Estado, como objetivo de uniformizar esse ensino e consolidar o modelo considerado cientificamente verdadeiro". (MORTATTI, 2000, p.83).

Considerações finais De acordo com os aspectos da configuração textual de *A leitura analítica* (1909), de Theodoro de Moraes, aqui já apresentados, é possível considerar que nesse livreto está contida uma das primeiras tematizações sobre o método analítico para o ensino inicial da leitura no Estado de São Paulo.

Em cem anos de história, esse texto parece ocupar um lugar de pioneirismo na história do ensino inicial da leitura, visto que teve uma permanência além do seu momento histórico de

publicação e que seu autor buscou fundamentar e sistematizar, cientificamente, o uso do método analítico para esse ensino para, posteriormente, tornar-se instruções de aplicação prática desse método.

Apesar de certas limitações decorrentes das dificuldades características do desenvolvimento da pesquisas históricas, principalmente no que se refere ao distanciamento para a compreensão das fontes documentais localizadas, recuperadas, reunidas e selecionadas, sem que meu olhar do momento presente se visse tentado a interpretá-las com parcialidade, considero que o que apresentei aqui permite compreender a importância tanto dos debates que se travaram em torno do método analítico para o ensino inicial da leitura, no âmbito do "2º momento crucial" da história da alfabetização no Brasil, quanto do lugar ocupado por Theodoro de Moraes nesses debates. **Referencias**

a) das fontes documentais citadas

BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Cartilha analytica*. 27.ed. Rio de Janeiro: Livraria

Francisco Alves, 1926.

KÖPKE, João. *A leitura analytica* (Conferência feita a 1 de março de 1896, no Instituto

Pedagógico Paulista). São Paulo: Typ. a vapor de Hennies Irmãos, 1896.

MORAES, Theodoro de. *A leitura analytica*. São Paulo: Typ do 'Diario Official', 1909.

_____. _____. São Paulo: Typ. Siqueira, Nagel & Comp, 1913.

_____. _____. *Educação*, São Paulo, v. 33, n. 46/47, jan/jun. 1945.

MORAES, Theodoro de; Miguel, Pinto J; OLIVEIRA, Mariano Carneiro de. *Como ensinar leitura e linguagem nos primeiros anos do curso preliminar*. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp, 1911.

MORAES, Theodoro de. Leitura analytica. *Revista de ensino*, São Paulo, ano 8, n. 1, p. 17-20, mar.1909.

_____. *Meu livro*: primeiras leituras de accôrdo com o methodo analytico. 9.ed. São Paulo: Typ. Augusto Siqueira & Comp., 1920.

_____. *Sansões*: no ensino e para o ensino. São Paulo: Pocaí, 1917.

b) da bibliografia citada

BARBOZA, Andressa Cristina Coutinho. *Cartilha do operário: alfabetização de*

adolescentes e adultos em São Paulo (1920-1930). 217f. 2006. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

BERNARDES, Vanessa Cuba. *Um estudo sobre Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)*. 2003, 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília, 2003.

_____. _____. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Universidade Estadual Paulista – UNESP. v. 8, n. 1, p. 1-17, 2008.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *A alfabetização na imprensa periódica*

educacional paulista (1927-1943). 2007. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) –

Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

MESQUITA, José de. O capitão-mór André Gaudie Ley e a sua descendência: ensaio de reconstituição histórico-genealógico. *Revista. do IHMT*, Cuiabá, ano IV, tomo VIII, 1922.

MORTATTI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: (São Paulo/ 1876-1994)*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Educação e letramento*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

PANIZZOLO, Cláudia. *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. 2006. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2006.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Um estudo sobre Meu livro (1909), de Theodoro de Moraes*. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

RIBEIRO, Neucinéia R. *Um estudo sobre A leitura analítica (1896), de João Köpke*. 2001, 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília, 2001.

_____. _____. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Universidade Estadual Paulista – UNESP. v. 5, n. 1/2/3, p. 12-29, 2005.

SOUZA, Fátima Rosa. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Ersom Adriano Freitas. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. *Revista dialogo educacional*, v.4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004.

Bárbara Cortella Pereira é Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP)/campus de Marília; membro do Grupo de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil" (GPHELLB) e do Projeto Integrado de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil" (PIPHELLB). Endereço: Rua Arco Verde, 343, Bairro Alto Cafezal, CEP: 17.504-084, Marília, São Paulo, (14) 8148-2674, e-mail: babicortella@yahoo.com.br

Recebido em 10/07/2008

Aceito em 15/11/2008